

PONTO de Vista

Edição nº 6 - Junho de 2018



Editorial

Nesse semestre, publicamos mais uma edição do Ponto de Vista, o jornal dos estudantes da Engenharia Elétrica, criado e mantido pelo CABS. Ficamos felizes de ser esta já a sexta edição desde seu ressurgimento em 2014 e retomada de edição no ano passado (além de uma edição especial no formato de manual do ingressante). Ao longo da história do CABS, o Ponto de Vista teve um papel muito importante como meio de comunicação entre os estudantes da Elétrica, em uma época anterior à comunicação instantânea e à internet. Atualmente, porém, o PV tem um papel diferente: em vez de veicular notícias, recebe textos da comunidade da FEEC, especialmente dos estudantes, que têm nele um veículo para divulgação das suas ideias, na forma de textos, desenhos, fotos ou o que quer que queiram compartilhar. Assim, seu papel hoje é mais cultural do que informativo.

Agradecemos todas as contribuições recebidas. Essa edição conta com uma coletânea de poemas de autoria dos estudantes em que eles compartilham seus sentimentos. Recebemos também textos em prosa, como crônicas e artigos de opinião, além da sugestão de reedição de textos de terceiros. Chamamos a atenção para uma carta “de qualquer veterana”, que conta sua experiência enquanto mulher na FEEC e aconselha novas ingressantes. Esse é um tema muito importante e que constitui uma das pautas de luta do nosso centro acadêmico.

Ficamos contentes também em receber textos de professores. Fizemos a ilustração da capa inspirada no poema recebido *Noite brasileira*, apresentado logo a seguir. De forma simples e elegante, ele suscita o tema da grave crise política pela qual passa o Brasil. Magistrados que julgam em favor de certos partidos, militares que dão acenos inescrupulosos à ditadura e a elite empresarial, que comanda a mídia e o jogo político em causa própria, levam a situação do país a um caos para a maioria da população. Recebemos também um texto que critica o projeto de universidade pública e de inclusão social por meio de cotas que defendemos. Assim, em acordo com a divulgação que fizemos, sentimos necessidade de elaborar um texto

nosso para esclarecer alguns pontos dessa discussão e desfazer equívocos na sua compreensão.

Esta é também a última edição do PV organizada pela atual gestão do CABS. Esperamos que essa iniciativa continue sendo tocada pelas gestões que virão, pois acreditamos no valor que ela tem no nosso contexto de graduação dentro da FEEC. Convidamos todos e todas para que continuem contribuindo com essa iniciativa, seja enviando seus textos, seja participando da equipe de edição. Muito obrigada!

Equipe PV/CABS

Errata

Recebemos e agradecemos a correção de um dado referente ao texto *Orçamento Unicamp* (quinta edição). O repasse de ICMS de 9,57% citado é referente às três universidades paulistas e não apenas à Unicamp.

Noite brasileira

Toga
Farda
Terno

O inferno
É o quintal de casa.

Romis Attux

Não era pra ser assim
Definitivamente
Mas não tive escolha
Era maiormaisforte que eu

Henrique

*Minhas lágrimas juvenis têm gosto adulto
O riso de uma excursão da escola
Já não é o mesmo riso do bar
Que não deve ser o mesmo riso de um Happy Hour, penso
E a noção de que ou esqueço ou me assombrará
Já fala mais alto que a simplicidade do sentir
E já não quero mais sentir.
Só me preocupo com os boletos
Que um dia hei de pagar*

Verônica Gesteira Souza

O amor é um oásis
Esplandece em meio à secura da vida
Sombria e arrefece a solidão

A paixão é uma miragem
Que finge curar a ferida
E desaparece levando nosso coração

Rafael Kotchetkoff Carneiro

EXISTIRMOS:

a que será que se destina?

Existirmos: a que será que se destina?
Pois quando tu me deste a rosa pequenina
Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina
Do menino infeliz não se nos ilumina
Tampouco turva-se a lágrima nordestina
Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos intacta retina
A cajuína cristalina em Teresina

Cajuína - Caetano Veloso

Talvez o momento desse recado já tenha passado, mas achei importante mesmo assim..

Gatilho: violência sexual e psicológica

Bem vinda, ingressante! Parabéns pela conquista!

Antes de tudo quero dizer que o que eu vou contar nessa carta não é para desmotivá-la, não é para fazer tudo pior e não é uma visão fatalista do que são esses próximos 5 (ou mais) anos dentro da faculdade de engenharia, isso pode ter um final feliz e eu estou descobrindo isso ainda, junto com minhas colegas, junto com essas mulheronas fodas que me acompanham e é sobre isso que eu quero falar.

Você provavelmente tá vindo de um ensino médio que você era diferente, era a menina que gostava de matemática e/ou física. Espero que não tenha escutado, assim como eu escutei as frases "tá indo fazer engenharia, tá feita, vai sair de lá casada", "não vai ter que se preocupar porque vai chover homem". Seus pais talvez ficaram preocupados com você entrando num curso que tem um monte de homem, eu ficava revoltada com essa preocupação, hoje eu até concordo em parte com os motivos.

Uma coisa que ninguém te conta quando você tá fazendo vestibular pensando em fazer engenharia é que uma turma que tem 20% de mulheres é uma turma que fica conhecida por ter muita mulher, engraçado né? Dizem que somos muitas quando não somos nem metade.

Eu gostaria de entrar sabendo e não me falaram do tanto que eu tinha que me provar pra conquistar meu espaço aqui. Em cada espaço só vão começar a te respeitar quando você mostrar que tá querendo entrar nele, diferente dos seus colegas homens você tem que fazer mais, na graduação é muito nitido, vai estudar cálculo I com os bixos no bitola e conta quantos amigos vão querer tirar dúvida com você, não importa se você manda muito e já sabe derivar antes de fazer essa matéria, eles vão atrás do menino que sentou na frente e às vezes tá boiando no assunto mas tem todas as anotações. Nas entidades estudantis isso acontece de forma muito mascarada, provavelmente você vai ver um monte de menina tomando a frente nelas, vai até te fazer pensar que tem muitas meninas por aqui, o que provavelmente elas não vão te

contar logo de cara é o tanto a mais que elas tem que fazer pra chegar ali e também não vão contar que aquele cara ali do lado delas, que provavelmente é até um amigo, leva o reconhecimento por muitas coisas que elas fazem.

Não sei se você chegou a escutar que as festas na universidade, principalmente as de engenharia, vão ter muitos caras, vai ter muita bebida e você deve estar sempre em alerta pra conseguir aproveitar sem traumas. É verdade. Eu não sei se é a pressão geral do ambiente acadêmico, se é a necessidade de extravasar que as pessoas trazem de casa, mas é bizarro o tanto que esses espaços que deveriam ser ambientes pra gente se divertir realçam vícios e problemas que tentamos esconder durante o resto da semana, deve rolar mais de um evento por aí pra falar da saúde mental na sua faculdade, eles têm acontecido com uma frequência boa de uns tempos pra cá graças a muitas pessoas incríveis que têm levantado essa discussão, mas esse não é o ponto agora. Talvez isso que eu acabei falar de extravasar não fosse um problema pra segurança de uma mulher se a gente não vivesse numa sociedade tão machista que associa tanto o masculino à violência. Aqui talvez seja o único momento dessa mensagem que as pessoas que acham que eu exagero quando falo das violências contra as mulheres concordem comigo, é perigoso sim sair em muitas festas dessa unicamp. Graças ao movimento feminista e muita discussão as coisas caminham pra um lugar melhor, tem uma galera trampano pesado de comissão acolhedora por aí pra evitar que muita coisa aconteça, mas essa galera infelizmente não consegue sozinha com as rondas em festas fazer com que o mundo seja perfeito pra todo mundo. Tem mais uma coisa sobre essa parte, nossa vida nesse sentido é tão merda que a gente tem que tomar cuidado até com quem tá perto. A figura do estuprador que tá esperando você passar mal na festa pra ir lá tentar algo é real, mas o cara que você quer dar só uns beijos e tenta algo a mais quando você não tá consciente também.

Não quero que esse último parágrafo seja lido como um fator limitador pra você descobrir a sua liberdade sexual, bixete, não sei como foi seu ensino médio nesse sentido e como seus pais lidavam com esse assunto na sua casa, mas esse período você pode descobrir muito sobre você, quanto a sua orientação sexual e suas preferências. Aproveite pra tentar viver sem o que te ensinaram a vida inteira sobre a mulher ser pura, recatada, santa e sei lá mais o que. É normal ter inseguranças e medos diante de tudo que colocaram na sua

cabeça, mas relaxe, você não é a única passando por isso, talvez tentar conversar com suas amigas e amigos sobre esses assuntos que você cresceu pensando que eram tabus te ajude muito. Tente não deixar com que as coisas que você trouxe de casa nesse sentido te atrapalhem nesse momento único de autoconhecimento.

No começo dessa carta eu disse pra você que se tudo que eu ia falar não tinha um final fatalmente ruim era por causa das mulheres que estão aqui. Se foi possível passar por todas essas dificuldades que eu falei, se eu consegui passar alguns anos aqui foi por causa das mulheres que estão nesse ambiente. Foi aqui que eu aprendi o que é sororidade. Durante minha vida inteira eu ouvi que um monte de mulher junta era problema, que a mulher do meu lado era minha rival e que nunca daria certo morar em uma república com 10 meninas, e vou te contar é um problema pro patriarcado quando a gente se une, se fortalece e anda juntas. Nós somos tão fortes quanto qualquer cara, temos tanta capacidade de ser as primeiras da turma, de presidir uma entidade, de tomar a frente no movimento estudantil, de praticar qualquer esporte e fazer literalmente qualquer coisa!

Se a minha intenção com essa mensagem era deixar um conselho vou falar pra vocês andarem sempre juntas, se apoiarem umas nas outras e nas veteranas, e também pra não abaixar a cabeça pra ninguém, você é tão capaz quanto qualquer um que tá por aí e tem potencial pra brilhar muito com tudo que aprender aqui (não só sobre engenharia). A vida inteira te disseram pedir desculpas, a ser recatada, calada e obediente a coisas que talvez você nem acreditasse. Questione todas essas coisas que te foram impostas e tente descobrir sua própria liberdade, eu tenho certeza que será incrível!

Um grande abraço,
de qualquer veterana

Pode parecer clichê, mas eu realmente odeio términos. Ainda mais depois de tanto tempo e esforço empregados, depois de colocá-lo em um nível de importância tão alto na minha vida. Despretensiosamente, ainda sem conhecer direito a faculdade. Simplesmente fui chamado e, como não tinha nada a perder, resolvi participar. COMEÇO. Passei a me envolver cada vez mais, tinha bastante medo de falar o que eu pensava logo de início, mas ainda assim sempre me dispus a ajudar a construí-lo e sempre me fazia presente. MEIO. Comecei a tomar responsabilidades, desempenhar determinadas atividades sozinho. Ainda assim, não tinha total confiança em mim e, olhando pra elxs, não sentia que eu seria resistente o suficiente para chegar ali. Continuava fazendo praticamente apenas o que eu tinha me proposto a fazer (infelizmente, vendo com meus olhos de hoje). Porém, depois de tanta reflexão e, principalmente, apoio de amigos e amigas, acabei aceitando estar onde estou. Sinto que contribui com o que podia e estava ao meu alcance. Entreguei-me completamente e esforcei-me o máximo que pude pra ter certeza que tudo aconteceria, e da melhor maneira possível. Sinto que cresci muito e me desenvolvi de diversos modos e, por isso, com certeza serei eternamente grato. FIM. Muito obrigado por toda essa experiência que levo comigo para sempre, Centro Acadêmico Bernardo Sayão.

Henrique

Um Texto Sobre Tragédias

Segunda feira, 28/11/2016, tudo indicava que aquela seria mais uma tradicional madrugada de estudos regada, como de costume, a muito energético barato e resolução de exercícios impossíveis. Porém, aquele início de semana de provas não seria bem assim. Não totalmente, pelo menos. Em meio ao embaralhamento mental proveniente de equações e postulados, lá por volta das 4 da manhã, um amigo me apresenta uma notícia recém chegada em seu celular: “Avião do clube da chapecoense desaparece dos radares do aeroporto de Medellin”. De cara, nem dei bola. Afinal, estava muito ocupado com as leis de Maxwell no momento, para gastar meu tempo, bastante precioso àquela altura, me preocupando sobre notícias que nem sabia se seriam ou não verdade. Fiz a prova. Cheguei em casa e encontrei não somente o Brasil, mas o mundo em choque. Pessoas completamente aflitas, abaladas pela morte de quase todo o elenco do clube de Chapecó. Naquela hora percebi a tragédia que havia acontecido. Digo, não somente o acidente em si, mas a tragédia gerada pelo reconhecimento da tragédia. Mais especificamente, o sentimento uníssono de catástrofe que pairava na sociedade sendo refletido na televisão e nas redes sociais. O clube, relativamente novo, estava em seu auge, à caminho da primeira disputa de final internacional. Além disso, por não estar entre os clubes “grandes” do país, havia conquistado a admiração de diversos torcedores de clubes mais tradicionais. Essa mesma admiração foi o que inflamou o luto nacional, a tragédia provocada pela tragédia. Percebi de vez, que ali, naquela madrugada, havia morrido o alcunhado “Maior verdão do Brasil”, a Associação Chapecoense de Futebol.

Inesperadamente só

Você partiu de forma repentina
Que deixou meu coração
Ardente por te encontrar
Eu sei onde você mora
Você sabe onde me encontrar
Estamos tão perto um do outro
Mais tão longe você me deixou
Por que tem um outro alguém
Um outro alguém
Eu não sei onde foi que eu errei
Mais tinha um outro alguém
Eu estava tão feliz naquela noite...
Mas você tinha que falar
Que tinha um outro alguém
Eu não sei o que eu fiz
Outro alguém
Mais eu quero você na minha vida
Mas você não me quer nela.

Arimã Batista



Tinta de guerra

Unha pintada
Há há há há
Nem gosto tanto
Mais me ajuda a ver. ..
Os dinossauro
Eles que gostam menos ainda
E ela me dá força
A continuar a minha luta
É minha tintura de guerra
Minha forma de protesto...
Meu afronte...
Contra aquilo que acho errado
Contra aquilo que tirou ele dos meus
braços
É minha espada
E meu escudo
É meu tapa na cara
Daqueles que acham errado
É a prova daquilo que acredito
Mais nem sempre tenho coragem
De ostentala
Por medo deles
Que de pouco a pouco me corroem
E de pouco a pouco não sei quem está
ganhando...
Eu com minha vontade de viver com ele
ou eles com minha vontade de desistir e
lentamente desaparecer.

Arimã Batista

Para que serve a universidade pública?

Alim P. C. Gonçalves

O debate sobre a adoção de cotas raciais na Unicamp traz uma excelente oportunidade para discutir o modelo brasileiro de universidades públicas. Essas universidades são gratuitas para seus estudantes pois são sustentadas pelos impostos de todo o conjunto da população. Formar-se em alguns desses cursos significa a garantia de uma renda pessoal alta, o que leva alguns a descreverem nossas universidades públicas como um instrumento perverso para aumentar a concentração de renda no Brasil. Creio que este é o diagnóstico dos que defendem a adoção de alterações nos critérios de ingresso nas universidades, entre eles as cotas baseadas em renda ou em raça.

O proponente de tais critérios de seleção parece entender que a missão de uma universidade é ajudar individualmente a seus alunos. Sem dúvida, isso é algo que uma universidade faz. Imagine que uma pessoa pertença a um grupo marginalizado da sociedade, seja por sua classe social, cor da pele, sexo, deficiência física, etc. Dar a esse indivíduo uma educação profissional, possibilitando que ele seja um cidadão produtivo, é certamente uma forma de incluí-lo na sociedade.

Agora, se essa é a missão da universidade pública, especialmente da Unicamp, então muita coisa precisaria mudar. Em primeiro lugar, o número de vagas oferecido não é condizente com a missão. O nosso curso de engenharia elétrica, por exemplo, oferece cem vagas anuais desde que o curso noturno passou a ser oferecido, há mais de vinte anos. É um número de vagas irrisório frente ao contingente de pessoas marginalizadas em nossa sociedade. Em tal cenário, também não haveria lugar para a dedicação à pesquisa e para a orientação individual de pós-graduandos ou para turmas reduzidas de laboratório. Todo o modelo pedagógico atual deveria mudar.

É neste ponto que acredito haver um erro de premissa. As universidades públicas, por serem sustentadas por impostos de todo o conjunto da população, certamente devem devolver algo à esta mesma sociedade. Mas, o tipo de benefício gerado por uma universidade como a Unicamp não se dá apenas através do sucesso individual de seus alunos.

A meu ver, o motivo para um governo sustentar uma universidade pública é outro. Através da excelência na formação e na pesquisa, os egressos da universidade podem abrir empresas, gerando emprego. Podem desenvolver terapias mais eficientes ou mais baratas, novos medicamentos, serviços mais inovadores. Alguns trabalharão em empresas, onde usarão seus conhecimentos para otimizar processos, reduzir custos, aumentar lucratividade, levando ao crescimento econômico. Outros ainda podem ajudar o país a entender melhor seus problemas atuais, prever cenários para o futuro, estudar o legado de sua história. Todas estas ações vão gerar frutos no longo prazo, e para

muitas outras pessoas. Em outras palavras, a universidade pública beneficia mais gente que apenas seus alunos.

Para alcançar tais objetivos, entretanto, é necessário que a universidade não perca o seu foco principal. Ela deve ser um celeiro da excelência. Qualquer coisa que a desvie da busca pela excelência constitui um entrave. Especificamente com relação à seleção, a universidade deve buscar aqueles alunos que vão ajudar a criar o ambiente adequado. Se a excelência for encontrada entre pessoas com baixa renda, condições para que o curso seja concluído devem ser fornecidas. Neste sentido, é ótimo que nossa universidade seja gratuita. Também é necessário que as pessoas possam ser chamadas independentemente do seu sexo, idade, cor da pele. Felizmente, nosso vestibular não segrega por nenhuma dessas variáveis.

O problema com qualquer mecanismo de cotas para pessoas de baixa renda, negros, deficientes físicos, entre outros, é que tais características não garantem que a universidade pública vai cumprir sua verdadeira missão, que é a de transmitir e gerar conhecimento que vai, através de seus egressos, impactar toda a sociedade e não apenas os poucos que tiveram o privilégio de frequentá-la.

É claro que eu não estou indiferente ao fato de que a universidade pública consome uma quantia significativa de impostos de um amplo conjunto da população e que beneficia individualmente a poucos alunos. Nem estou alheio à constatação de que muitos alunos são de classes sociais historicamente privilegiadas no processo de formação de nossa sociedade. Entretanto, acredito que, pela sua natureza, uma universidade como a Unicamp não é o melhor instrumento para mitigar tais problemas, senão indiretamente pela via da disseminação e da produção de conhecimento. Pode haver iniciativas educacionais complementares para a recuperação de pessoas marginalizadas: escolas técnicas, cursos universitários de curta duração, ou mesmo cursos convencionais mais voltados à formação técnico-profissional que às fronteiras do conhecimento. Também é possível imaginar instrumentos diferentes para compensar as possíveis injustiças de curto prazo, como a cobrança de taxas e anuidades daqueles que têm plenas condições de pagá-las.

Para quem serve a universidade pública?

A universidade como local de produção de conhecimento relevante para toda a sociedade brasileira

Equipe PV/CABS

Escrevemos esse texto para esclarecer alguns pontos em relação ao projeto de universidade pública que defendemos, especialmente em relação à política de cotas, recentemente implementada na Unicamp.

Entendemos que a missão da universidade pública é, além de ser gratuita e de qualidade, produzir conhecimento para beneficiar e contribuir a toda a população, através, por exemplo, do desenvolvimento de novas técnicas, novas terapias, novos produtos, novas formas de entendimento do mundo à nossa volta. Nesse sentido, deve tratar de problemas reais que atingem as pessoas à sua volta. No entanto, essa produção de conhecimento não pode estar voltada para e nem ser conduzida exclusiva ou majoritariamente por um subconjunto da sociedade. Isso é observado muitas vezes ao nosso redor – basta olhar: a maioria dos docentes do nosso instituto é formada por homens, brancos, que não representam a diversidade da população brasileira. A excelência da universidade, então, está associada principalmente à questão do quão representativa ela é em relação às pessoas que compõem a sociedade como um todo, e não a meros números em rankings de produtividade e afins, muitas vezes enviesados e parciais.

O problema é que, **apesar de a universidade ser sustentada pelos impostos de toda a população, vemos que apenas uma pequena parcela desta está representada nesse espaço** [1]. Ou seja, a grande maioria sustenta a minoria que está na universidade. Exemplo claro disso são as discrepâncias entre a porcentagem de negros e negras no país (50,7% dos brasileiros em 2010 [2]) ou ainda no estado de São Paulo (34,1% dos paulistas em 2009 [3]) e sua presença na universidade (figura a seguir). Ou ainda, as mulheres, que, apesar de bem representadas no ensino superior como um todo, são minoria nos cursos de exatas. Nesse cenário, o projeto de universidade em que acreditamos não pode ser atingido.

Em nosso contexto, é comum a associação entre diploma e ascensão social, levando as pessoas à conclusão equivocada de que o principal objetivo do projeto de cotas seria possibilitar tal melhoria para os cotistas individualmente. Obviamente a implantação de cotas possibilitará que, de forma imediata, uma parcela desses grupos entre na universidade e adquira maior status individual e ascensão social. Mas não é esse o principal motivo pelo qual nós, defensores do projeto de cotas, somos favoráveis à sua implementação. Acreditamos que a principal mudança será que, uma vez que a

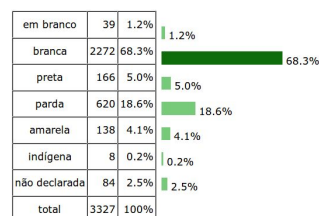
universidade pública seja composta também por esses grupos, estes terão espaço político e acadêmico para lutar por suas demandas. Demandas estas que dificilmente serão completamente entendidas, ou defendidas, por alguém que não viva na pele como é ser pertencente de um dos grupos marginalizados e que o projeto de cotas beneficiará.

Questionário Socioeconômico - Vestibular 2018

Todos os cursos - (Todas as cidades)

Grupo: Matriculados

Qual é a sua cor ou raça?



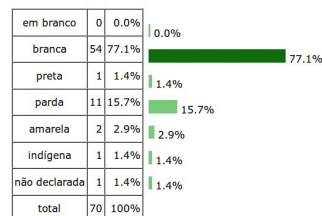
As informações são autodeclaradas pelos inscritos.

Questionário Socioeconômico - Vestibular 2018

Engenharia Elétrica (Integral) - (Todas as cidades)

Grupo: Matriculados

Qual é a sua cor ou raça?



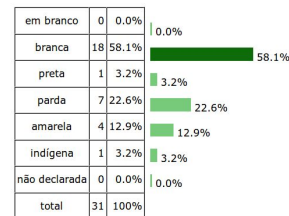
As informações são autodeclaradas pelos inscritos.

Questionário Socioeconômico - Vestibular 2018

Engenharia Elétrica (Noturno) - (Todas as cidades)

Grupo: Matriculados

Qual é a sua cor ou raça?



As informações são autodeclaradas pelos inscritos.

Figura 1. Questionários socioeconômicos de todos os cursos (esq.), Elétrica integral (centro) e Elétrica noturno (dir.) [1]

Assim, é importante que a composição da universidade reflita o quão diversa é a população para que sejam tratados e solucionados problemas específicos de cada grupo. Um exemplo emblemático é da anemia falciforme [4], uma doença que acomete com maior frequência a população negra. Trata-se de uma doença genética com uma recorrência de 200 mil casos por ano, porém ainda pouco conhecida. Torna-se difícil identificar e tratar esse problema se não houver negros que pesquisem e trabalhem com tal tema. As pesquisas sobre anemia falciforme nos Estados Unidos só se consolidaram com a luta dos negros por direitos civis nesse país. Dessa forma, a presença minoritária de negros e negras no setor da saúde e no meio científico criam uma relação entre racismo e produção acadêmica pela e para a população negra.

Esse não é um fenômeno que tem origem recente. Para entendê-lo, é necessária uma compreensão histórica do processo de formação do território, do Estado e da nação brasileira. Ao longo de nossa história, o país sempre foi governado por poucos e para poucos. Durante a colonização, os povos nativos foram dizimados e escravizados e até hoje enfrentam dificuldade em ter suas terras demarcadas, sua identidade reconhecida e em acessar espaços de poder. A partir do ciclo do açúcar, africanos foram brutalmente arrancados de suas terras e trazidos como escravos, em condição de mercadoria. A abolição da escravidão em 1888 foi um processo tardio que mudou a forma de trabalho, mas manteve sua exploração e que não foi acompanhado de políticas para inserção da população negra à sociedade, que continuou marginalizada. Pelo contrário, foram criadas leis que dificultaram tal inserção, como a lei de terras [5], que dificultou o acesso à terra, e que teve como consequência o processo de favelização das metrópoles. A violência, seja ela simbólica ou física, contra a população negra continuou desde então. Durante o século XX, inspirados pelo positivismo, alguns autores tentaram justificar,

com argumentos pseudo-científicos, uma suposta inferioridade dos povos negros e hegemonia do homem branco [6].

Esse pensamento de suposta inferiorização se perpetua ainda hoje, na medida em que a adoção de cotas é frequentemente associada à precarização da universidade, sem que haja dados para essa conclusão. **Pelo contrário, dados mostram que as políticas de inclusão têm resultado positivo nas universidades [7]. O que acontece, de fato, é que o desempenho de alunos cotistas se iguala ao de alunos não cotistas a longo prazo.** O vestibular é uma corrida na qual setores privilegiados da população largam muito na frente, seja por terem acesso a uma educação de melhor qualidade, seja por não terem de lidar diariamente com o preconceito e a opressão. Porém, vê-se que essa defasagem é superada ao longo do curso, sendo alunos cotistas tão preparados quanto qualquer outro para atuar no mercado de trabalho ou na área acadêmica. O projeto de cotas, portanto, é um passo essencial para que ao menos um desses grupos, a população negra, possa ocupar o mercado e a academia, fazendo-se presente nesses espaços.

Em defesa do nosso projeto de universidade pública, cobrar taxas ou anuidades não resolve a falta de representatividade dos negros (e nem mesmo dos estudantes de baixa renda). O uso de cobrança como forma de resolução do problema da desigualdade social já existe na forma de impostos, mas falha no seu objetivo principal, pelo modo como é implementado. Sendo este cobrado majoritariamente sobre consumo e não sobre renda e propriedade, o mecanismo acaba por cobrar mais de quem tem menos. Outro problema que a cobrança de taxas não aborda são as barreiras que as minorias enfrentam antes mesmo de entrar na universidade, em especial o vestibular - o qual o instrumento de cotas visa minimizar por meio da reserva de vagas. Cobrar taxas adicionais de quem pode pagar não fará com que negros (e nem mesmo pobres) entrem mais facilmente através do vestibular.

Defendemos um projeto de universidade pública e inclusiva. O projeto de cotas é importante, pois as pessoas que são contempladas por ele não podem esperar que a solução venha a longo prazo para “resolver seus problemas”. **As cotas são um mecanismo paliativo para ter uma ação imediata e devem ser implementadas em conjunto com outras ações que visem mudança a médio e longo prazo.** A ocupação do espaço da universidade por grupos minoritários, em particular negros e negras, é importante para que a universidade possa cumprir de fato seu papel de produzir conhecimento que seja importante, relevante e responda a problemas de toda a população brasileira.

Referências:

[1] COMVEST. *Consulta dinâmica*. Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/estatisticas-comvest/estatisticas-sociais/perfil-socioeconomico/perfil-socioeconomico-geral/formulario-de-consulta/>.

- [2] BRASIL. *Censo 2010 mostra as características da população brasileira*. Disponível em:
<<http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>>.
- [3] IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida. 2010. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv45700.pdf>>.
- [4] CAVALCANTI, Juliana Manzoni and MAIO, Marcos Chor. Entre negros e miscigenados: a anemia e o traço falciforme no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2011, vol.18, n.2, pp.377-406. ISSN 0104-5970. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702011000200007>.
- [5] MERCADO POPULAR. *Como a Lei de Terras perpetuou a opressão dos negros*. Disponível em:
<http://mercadopopular.org/2014/11/como-lei-de-terras-perpetuou-opressao-dos-negros/>.
- [6] SANTOS, Raquel Amorim dos and SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravatura. *Educ. rev.* [online]. 2018, vol.34, n.68 pp.253-268. ISSN 0104-4060. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.53577>.
- [7] EXAME. *Políticas de inclusão têm resultado positivo nas universidades*. Disponível em:
<<https://exame.abril.com.br/brasil/politicas-de-inclusao-tem-resultado-positivo-nas-universidades/>>.

Cota Não É Esmola

Bia Ferreira

<https://www.youtube.com/watch?v=QcQlaoHajoM>

Existe muita coisa que não te disseram na escola

Cota não é esmola!

Experimenta nascer preto na favela pra você ver!

O que rola com preto e pobre não aparece na TV

Opressão, humilhação, preconceito

A gente sabe como termina, quando começa desse jeito

Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais

Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais

Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé

Não tem dinheiro pro busão

Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão

E já que ta cansada quer carona no busão

Mas como é preta e pobre, o motorista grita: não!

E essa é só a primeira porta que se fecha

Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa

Chega na escola outro portão se fecha

Você demorou, não vai entrar na aula de história

Espera, senta aí, já já dá 1 hora

Espera mais um pouco e entra na segunda aula

E vê se não atrasa de novo! A diretora fala

Chega na sala, agora o sono vai batendo

E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que

Se a passagem é 3,80 e você tem 3 na mão

Ela interrompe a professora e diz, 'então não vai ter pão'

E os amigos que riem dela todo dia

Riém mais e a humilham mais, o que você faria?

Ela cansou da humilhação e não quer mais escola

E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola

O tempo foi passando e ela foi crescendo

Agora la na rua ela é a preta do sovaco fedorento

Que alisa o cabelo pra se sentir aceita

Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita

Agora ela cresceu, quer muito estudar

Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular

E a boca seca, seca, nem um cuspe

Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra usp

Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola

Que todos são iguais e que cota é esmola

Cansada de esmolos e sem o dim da faculdade

Ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade

Experimenta nascer preto, pobre na comunidade

Cê vai ver como são diferentes as oportunidades

E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!

E nem venha me dizer que isso é vitimismo

E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bote a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!

E nem venha me dizer que isso é vitimismo

São nações escravizadas
E culturas assassinadas
É a voz que ecoa do tambor
Chega junto, venha cá
Você também pode lutar!
E aprender a respeitar
Porque o povo preto veio para
revolucionar

Não deixe calar a nossa voz não!
Não deixe calar a nossa voz não!
Não deixe calar a nossa voz não!
Revolução
Não deixe calar a nossa voz não!
Não deixe calar a nossa voz não!
Não deixe calar a nossa voz não!
Revolução

Nascem milhares dos nossos cada vez que
um nosso cai
Nascem milhares dos nossos cada vez que
um nosso cai
Nascem milhares dos nossos cada vez que
um nosso cai
Nascem milhares dos nossos cada vez que
um nosso cai
E é peito aberto, espadachim do gueto,
nigga samurai!

É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga
É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga
É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga
É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga

É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga
É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga

É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga
É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga

Vamo pro canto onde o relógio para
E no silêncio o coração dispara
Vamos reinar igual Zumbi, Dandara
Odara, Odara

Vamo pro canto onde o relógio para
No silêncio o coração dispara
Odara, Odara, ei!

Experimenta nascer preto e pobre na
comunidade
Você vai ver como são diferentes as
oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o
seu ra-cis-mo!
Existe muita coisa que não te disseram na
escola!

Cota não é esmola!
Cota não é esmola!
Cota não é esmola!
Cota não é esmola!
Cota não é esmola!
Cota não é esmola!
Cota não é esmola!

São nações escravizadas
E culturas assassinadas
É a voz que ecoa do tambor!
Chega junto, venha cá
Você também pode lutar
E aprender a respeitar
Porque o povo preto veio revolucionar

Cota não é esmola!

OS HOMENS DA TERRA

Vinicius de Moraes

Em homenagem aos trabalhadores da terra do Brasil, que enfim despertaram e cuja luta ora inicia.

Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha
Porque desfrutais da terra
E a terra é de quem trabalha
Bem como os frutos que encerra
Senhores Barões da terra
Preparai vossa mortalha.
Chegado é o tempo de guerra
Não há santo que vos valha:
Não a foice contra a espada
Não o fogo contra a pedra
Não o fuzil contra a enxada:
— União contra granada!
— Reforma contra metralha!

Senhores donos da Terra
Juntais vossa rica tralha
Vosso cristal, vossa prata
Luzindo em vossa toalha.
Juntais vossos ricos trapos
Senhores Donos de terra
Que os nossos pobres farrapos
Nossa juta e nossa palha
Vêm vindo pelo caminho
Para manchar vosso linho
Com o barro da nossa guerra:
E a nossa guerra não falha!

Nossa guerra forja e funde
O operário e o camponês;
Foi ele quem fez o forno
Onde assa o pão que comeis

Com seu martelo e seu torno
Sua lima e sua torquês,
Foi ele quem fez o forno
Onde assa o pão que comeis.

Nosso pão de cada dia
Feito em vossa padaria
Com o trigo que não colheis;
Nosso pão que forja e funde
O camponês e o operário
No forno onde coze o trigo
Para o pão que nos vendeis

Nas vendas do latifúndio
Senhor latifundiário!
Senhor Grileiro de terra
É chegada a vossa vez
A voz que ouvis e que berra
É o brado do camponês
Clamando do seu calvário
Contra a vossa mesquinhez.

O café vos deu o ouro
Com que encheis vosso tesouro
A cana vos deu a prata
Que reluz em vosso armário
O cacau vos deu o cobre
Que atirais no chão do pobre
O algodão vos deu o chumbo
Com que matais o operário:
É chegada a vossa vez
Senhor latifundiário!

Em toda parte, nos campos
Junta-se a nossa outra voz
Escutai, Senhor dos campos
Nós já não somos mais sós.
Queremos bonança e paz
Para cuidar da lavoura
Ceifar o capim que dá
Colher o milho que doura,
Queremos que a terra possa
Ser tão nossa quanto vossa
Porque a terra não tem dono
Senhores Donos da Terra.
Queremos plantar no outono
Para ter na primavera
Amor em vez de abandono
Fatura em vez de miséria.

Queremos paz, não a guerra
Senhores Donos de Terra ...
Mas se ouvidos não prestais
Às grandes vozes gerais
Que ecoam de serra em serra
Então vos daremos guerra
Não há santo que vos valha:
Não a foice contra a espada
Não o fogo contra a pedra
Não o fuzil contra a enxada:
— Granada contra granada!
— Metralha contra metralha!

E a nossa guerra é sagrada
A nossa guerra não falha!

O nascer de uma coruja

Pedro Mendes

TRIIIIIMMM...TRIIIIIMMM...TRIIIIIMMM...TRIIIIIMMM

O telefone grita, rapidamente João levanta do seu cochilo, ergue o gancho, e ... nada. Ninguém. Um silêncio assustador ecoa sobre seu corpo. Será que todos esqueceram dele? Ele olha ao seu redor e contempla sua organizada e antiga sala de estar, com tudo congelado no seu devido lugar. Sua janela está aberta e entra um vento frio na sala. Sua velha e surrada companhia de longa data, sua poltrona, o chama para acolher seu corpo. Ele cede, e senta. A parede a sua frente ostenta uma réplica do quadro “Escola de Atenas”, onde cada um dos filósofos parecem muito ocupados para João. Ele continua passeando seus olhos por sua conhecida sala a procura de algo que o reconforte. Eles encontram os velhos e encostados livros da sua esposa Sophia, ao lado um porta-retrato onde jaz a sua querida esposa numa foto. Ela está montada em um cavalo branco, sorri timidamente para João, que acabou de ajuda-la a subir. Ele pode sentir o cheiro do seu perfume, a força da sua presença, tudo é tão vivo. A mata que os rodeia acentua a vida, e a luz que penetra nela ilumina a aura dos dois namorados.

Doong Doong Doong Doong Doong Doong Doong Doong

O relógio tocou, o velho volta a sua realidade, doem as juntas, os pulmões forçam a fadiga e o vigor que ainda há, pouco se expressa. Ele olha para conferir as 8 horas da noite. Encara fortemente os ponteiros, olhos do carrasco, o pêndulo do urubu, o número que falta da sua incansável sentença. Quanto tempo tem? Quantos aniversários vai ser capaz de aguentar? Um? Talvez dois. Mas ahh, se Sophia ainda estivesse com ele, talvez tudo fosse diferente. Ela era o sol e ele à acompanhava como se fosse a terra. Juntos dançam em belas e perfeitas curvas, num jogo de forças de atração. A valsa é constante para pessoas que pesam umas para outras. Entretanto nem tudo são rodopios, quando a distância é grande, tão grande quanto a vida pode levar, um deles pode ficar a deriva. Um planeta sem órbita, sem estrela, solto no espaço sombrio. Gélido e sem rumo, pode caminhar para sempre, pode?

Não, não pode. Ele tem seu inquisitor ao lado, ele conta mais um, mas João só pode enxergar menos um. Já o pêndulo o hipnotiza com seu movimento harmonioso de nascimento, vida e morte. No começo tudo tem potencial, pode tudo adquirir. No meio tudo passa muito rápido, mas foi nele quando veio seu maior presente, sua filha Victória. Ela tem a beleza de sua mãe, a delicadeza de um cisne e a esperteza de uma raposa. E quem mais a não ser Sophia para lhe dar tal dádiva. O tempo passou, a menininha cresceu, e hoje Victória mora fora do país... E então veio essa fria época de solidão, que poderia até congelar o pêndulo.

TRIIIIIMMM...TRIIIIIMMM...TRIIIIIMMM...TRIIIIIMMM

Por um momento o coração de João começa a palpitar e excitar seu corpo. Ele corre com uma força que não sabe de onde veio. Puxa o gancho do telefone... E se surpreende com a voz de sua filha, que lhe deseja feliz aniversário com muita alegria. Ela conta como está seu trabalho de publicitária, partilha notícias sobre sua mudança de apartamento, fala sobre o marido, e ao final da longa conversa anuncia a chegada do primeiro neto. E então o dia vazio dele se torna cheio de felicidade e sentido, completo sentiu-se, entrou num estado de êxtase. Como se sua alma

estivesse pronta para fechar o ciclo. Começa a diminuir, sua pele começa a formar penas e tingir de marrom, seus braços se transformam em asas e seus olhos crescem. A capacidade de voar o dá liberdade, os olhos novos dão uma visão mais aguçada da realidade. Ahh, então tudo que era conhecido como João se esvai, com o simples planar de uma coruja.

Verossimilhança

Quando eu era criança, eu escrevi uma estória na aula de redação. Eu queria que a minha estória tivesse um final surpreendente, em que os personagens tomassem atitudes inesperadas, e que o mundo os ajudasse a combater a injustiça e a vilania que os afligia. E assim eu fiz a minha estória, em que, perto do finalzinho, o herói mudava de idéia em relação a uma coisa muito importante e por isso salvava todo mundo do vilão. Daí, o mundo inteiro entendia a ideia do herói, e se juntava a ele em sua jornada. E então, todas as coisas mundanas e divinas convergiam num movimento que parecia pura coincidência, mas que iniciava uma linda sinergia de reação em cadeia e explodia num grande final apoteótico. Mas aí quando a professora viu a minha redação, ela escreveu um bilhete muito grande sobre como não fazia o menor sentido que o herói fizesse aquilo, e como as regras do mundo não podiam mudar só porque eu queria. Na margem da folha de almaço, um monte de marcações em vermelho: "por que? por que? por que?". Eu fiquei muito chateado com isso, porque a estória era minha, e eu nunca via ela perguntando essas coisas para os tais autores consagrados (imagina só, ficar se perguntando: "por que Julieta se suicidou com uma adaga? Ela não podia esperar vinte minutos?"). Quando eu fui contestar e dizer: "ele mudou de idéia porque as pessoas mudam de idéia, e o mundo foi eu quem inventou então as regras sou eu quem faço", ela não entendeu direito, porque quando eu era criança eu não sabia dizer isso de um jeito tão calmo e compacto. Mas ao invés de ela entender que eu era criança, ela ficou dizendo que a minha estória era uma droga porque ninguém acredita em o mundo ajudar o herói a derrotar o vilão.

Daí, uma mão gigante caiu do céu e esmagou ela em mil pedacinhos e eu saí para o recreio.

FIM

Tiago Tavares

(Sem título)

O gosto de minhas lágrimas eu não sei o que é.
Por que essa tristeza imotivada me aflige?
Eu não tenho vontade, mas tenho motivos e assim vou para frente.
O frio em meu corpo não me agrada, mas não faço de nada para pará-lo.
A dor em minha garganta rouba-me o riso.
A marca de meus pecados tira-me a esperança.
Por que, Senhor, virá sobre mim tal responsabilidade?
Por que sinto para os outros se quando sinto em minha solidão é muito mais puro?
Por que a cada manhã não lembro mais o que sinto?
Por que tenho medo de mudar e não mais saber quem um dia já fui?
Por que ponho em dúvida a minha vida?
Por que há luz no fim do túnel se o que busco é o começo,
O começo de uma vida?

-Alguém



Henrique

Onde está o valor das coisas?

Você já parou para pensar por que você estuda engenharia? Mais: por que estuda engenharia elétrica em uma das melhores universidades do país? Não seria impossível ouvir uma resposta do tipo “para me formar para receber um diploma para conseguir um emprego para receber um bom salário para poder ir com a minha família no shopping no fim de semana tomar sorvete”, caricaturas à parte. Muitas vezes, nos deparamos com um pensamento que tira o valor das coisas e os desloca para uma outra que as sucede. Explico.

Na faculdade: preciso saber disso “porque cai na prova”. Preciso estudar probabilidade “porque vou precisar disso em telecomunicações”. Preciso estudar cálculo II “porque esse conhecimento é necessário em eletromagnetismo”. Ou ainda no colégio ou curso pré-vestibular - esses lugares que supervalorizam os cursos ditos “tradicionais” como engenharia, medicina e direito. Física e matemática são matérias “para serem usadas em engenharia”. Biologia “serve para medicina”. Você é bom em história e geografia? “Deveria fazer direito”. Quantos dos seus colegas que tinham afinidade com essas disciplinas foram incentivados ou pensaram em fazer, respectivamente, bacharelado em física, biologia ou filosofia? Ou, ao menos, ouviram dizer que essas são carreiras dignas de serem seguidas. Que dizer então das disciplinas que não nos são apresentadas no ensino básico? Como saber o que é computação sem contato prévio?

Mas voltando ao ponto central. Não é problema que as coisas (no caso, as disciplinas) sejam úteis para ou tenham aplicação em outras áreas. O que quero questionar é que o valor delas nunca é pensando em si mesmas, mas sempre na coisa que vem logo em seguida. Mas é justamente quando uma coisa “não serve para nada” que aquilo pode ter um grande valor em si. Você não precisa sair numa sequência de “serve para” (que muitas vezes acaba em um ato de consumo, como ter dinheiro para comprar X). Você pode fazer uma coisa simplesmente porque gosta daquilo e aquilo te dá prazer. Você não ouve uma música ou assiste um filme porque isso “serve para alguma coisa”. Da mesma forma, o estudo pode ter valor em si e não ter seu valor deslocado na coisa “para a qual aquilo serve”.

Aproveito para lembrar que muitos resultados, invenções e descobertas que conhecemos hoje foram resultado de um acaso, de uma descoberta despropositada, não intencional. E resultados teóricos vistos como “sem utilidade” na época de sua publicação podem conhecer, anos mais tarde, uma aplicação interessante.

Cabe lembrar ainda que, nos últimos séculos, ciência e tecnologia, pesquisa e inovação tiveram seu desenvolvimento intimamente ligado aos interesses do modo de produção capitalista e, em certos tempos e lugares, à guerra. É difícil dissociar o conhecimento da

sua aplicação dentro de um curso de engenharia. Mas também não pretendo fazê-lo, afinal a aplicação pode ter objetivos muito nobres e interessantes.

O que quero chamar a atenção é que nessa ânsia de “o que estou fazendo? para que isso serve?” nem tudo precisa “servir para alguma coisa” - em especial para acumular dinheiro e riqueza. Pelo contrário, é possível (e necessário) atribuir valor às coisas em si, justamente como um modo de superar tal ansiedade.

Viva o estudo “que não serve para nada”!

Onde está o Bernardo?



Quer ver seu texto, foto ou
desenho aqui no PV?

Basta escrever para:
pvjornal.cabs@gmail.com

